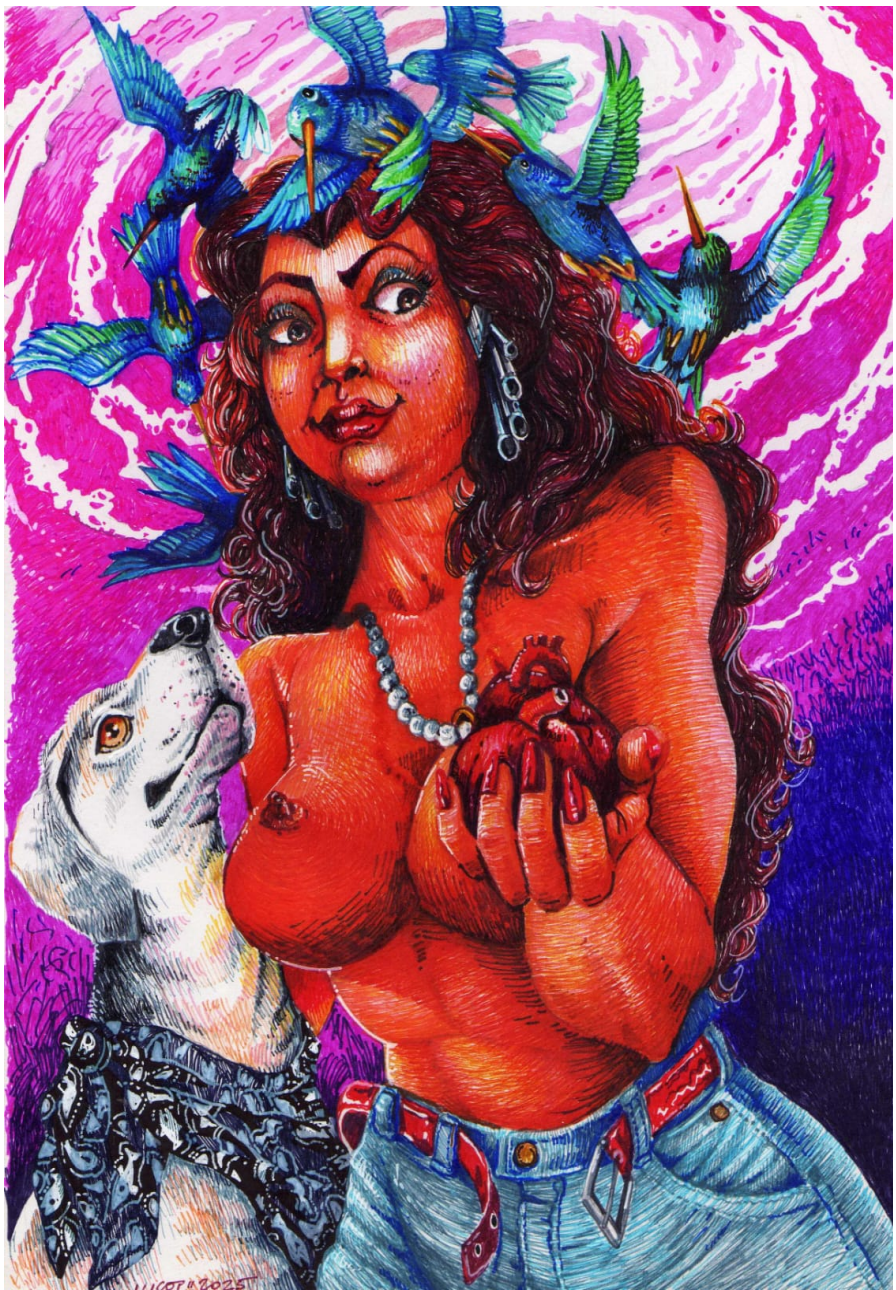
Fora de Página
Südaka Magazine
© Südaka Editorial

ARTE LATINO-AMERICANA

# A cor como arma da memória

## Luis Contreras e a atualidade da arte política latino-americana no norte do Chile

Por De Sauda





Num contexto em que a arte contemporânea chilena muitas vezes privilegia o conceptual e o elitista, a obra de Luis Contreras — Lucot — irrompe com a força de quem não esqueceu que "um povo sem cultura é um povo sem história". Radicado em La Serena, Lucot ergue-se como uma das vozes plásticas mais destacadas da região de Coquimbo, herdeiro de uma tradição que une o pincel à militância, a cor à denúncia, e a estética ao compromisso social.

**A trajetória de Lucot inscreve-se na linhagem dos brigadistas de Ramona Parra, esse coletivo de muralistas chilenos que, desde 1969, transformaram os muros do país em telas de resistência.**

## Entre as Brigadas e a rua

A trajetória de Lucot inscreve-se na linhagem dos brigadistas de Ramona Parra, esse coletivo de muralistas chilenos que, desde 1969, transformaram os muros do país em telas de resistência. Nascidas no calor das Juventudes Comunistas e batizadas em memória da jovem militante assassinada em 1946, as Brigadas Ramona Parra (BRP) desenvolveram um muralismo que não nasceu da oficina académica, mas da "necessidade social e política de lograr uma mudança democrática no país". Lucot bebe dessa fonte: a sua pintura não decora, intervém; não adorna, denuncia.

Ao contrário da arte de galeria — fechada, individualista, mercantilizada —, o trabalho de Lucot mantém vivo o espírito coletivo que caracterizou as BRP, onde "a participação do povo nos murais era fundamental". A sua obra dialoga com a rua, com o vizinho, com o operário que passa diante de um muro e encontra nele não apenas cor, mas identidade.

## A tradição latino-americana: Dos muralistas a Guayasamín

Lucot navega com desenvoltura pelas águas da arte política latino-americana. A sua paleta evoca a maestria dos muralistas mexicanos — Diego Rivera, José Clemente Orozco — que, na primeira metade do século XX, transformaram a pintura monumental em pedagogia visual para as massas. Como eles, Lucot domina a escala, a composição épica, a figura humana como sujeito central da história.

No entanto, o seu referente mais próximo no âmbito andino pode ser Oswaldo Guayasamín, o pintor equatoriano cujo expressionismo denunciava a opressão do indígena e do oprimido. Mas é aqui que reside uma das chaves do estilo de Lucot: se Guayasamín mergulha na tragédia pictórica — rostos dilacerados, mãos crispadas, corpos que se contorcem de dor —, o artista serenense opta por um caminho diferente. A sua obra é, nas palavras de quem o conhece, "uma explosão de cores": a denúncia não passa necessariamente pela angústia, mas pela vitalidade. Lucot não pinta a derrota; pinta a luta com alegria.

## Traço marcado e caricatura com simbolismo

Tecnicamente, Lucot distingue-se por um traço marcado, decidido, quase gráfico. É um pintor que domina o desenho, a linha que delimita e que, ao mesmo tempo, liberta. Esta segurança no traço

permite-lhe uma faceta particularmente audaciosa na arte política: a caricatura.

Caricaturar os poderosos — políticos, figuras públicas, personagens do poder — é um ato de dessacralização. Mas Lucot fá-lo sem cair na mera troça ou no insulto fácil. Preserva o simbolismo da sua obra: cada figura exagerada, cada traço distorcido, responde a uma leitura ideológica, a uma crítica estrutural. Não é a piada gratuita; é a sátira como ferramenta de consciência.



Nisto, Lucot alinha-se com a melhor tradição da gráfica política latino-americana, onde o cartaz, o mural e a caricatura foram armas dos movimentos populares. A sua capacidade de sintetizar numa imagem uma ideia complexa — a corrupção, a desigualdade, a resistência — torna-o um comunicador visual universal, não apenas um decorador de causas.




## La Serena e o orgulho comunal

Ser de La Serena não é um dado biográfico menor na obra de Lucot. Numa comuna que soube construir a sua identidade entre o património colonial e o desafio do desenvolvimento, ter um artista que coloca a cultura no centro do debate público é um ato de reivindicação territorial. Lucot não precisa de Santiago para validar a sua arte; o seu ateliê, os seus muros, as suas telas falam desde o norte com a mesma — ou maior — legitimidade que qualquer proposta da capital.

Em tempos em que o capitalismo cultural neoliberal reduz a arte a mercadoria de nicho, a persistência de Lucot como artista popular e político é um gesto de resistência estética. A sua obra recorda que a arte não é apenas para ser contemplada em silêncio, mas para ser discutida na praça.

## A pintura como memória viva

Luis Contreras, Lucot, é mais do que um pintor destacado de La Serena. É um guardião de uma tradição que o Chile contemporâneo precisa de recordar: a de uma arte que sai do ateliê, que desce à rua, que fala com o povo e que não teme a política. Na sua explosão de cores, no seu traço firme, na sua caricatura inteligente, bate o coração de um muralismo que não morreu, que não deve morrer.

Porque, como bem diz o lema que acompanha o seu nome: um povo sem cultura é um povo sem história. E graças a Lucot, La Serena continua a ter ambas.

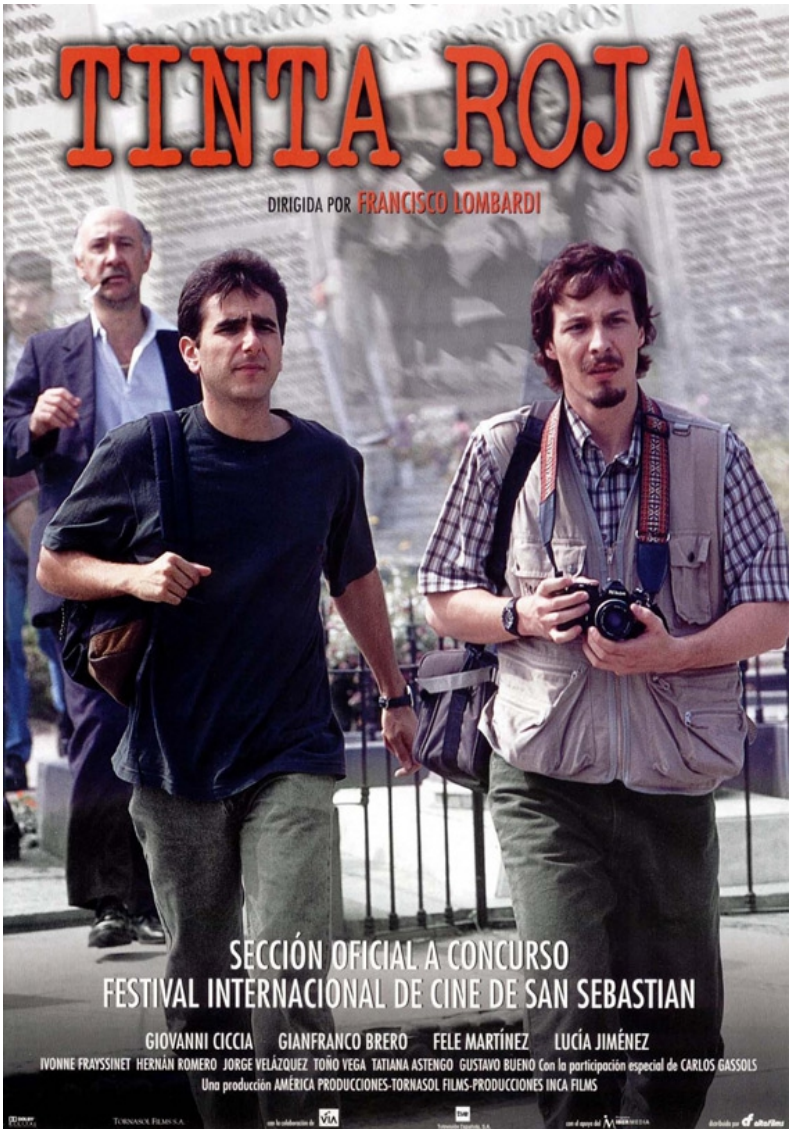


Fora de Página
Südaka Magazine
© Südaka Editorial

CINEMA LATINO-AMERICANO

# "Tinta Roja"

## A joia do cinema peruano que você pode ver gratuitamente no YouTube e que fará você reavaliar o jornalismo




Se você procura um filme que te agarra, te comove e te deixa refletindo, tenho uma recomendação de ouro. Está disponível gratuitamente no YouTube, é um dos melhores filmes do cinema peruano e

muito poucas pessoas o viram.
Chama-se "Tinta Roja" (2000), é dirigido pelo mestre Francisco J. Lombardi, e sim, para responder à pergunta de um milhão: é baseado no romance do chileno Alberto Fuguet.

Mas atenção, não é uma cópia. Lombardi transpõe a história do Santiago de Fuguet para a Lima do final dos anos 90, e o resultado é uma obra tão local que dói, mas tão universal que fascina.

## Do que se trata?

Alfonso (Giovanni Ciccia) é um jovem universitário de classe média que sonha em se tornar um grande escritor. Para cumprir seus estágios profissionais, acaba no lugar mais inapropriado para um aspirante a romancista: a seção policial do jornal sensacionalista El Clamor.

Essa seção se chama "Tinta Roja" (por causa do sangue das crônicas policiais). Lá, designam-lhe como chefe Saúl Faúndez (Gianfranco Brero), um sujeito cínico, mulherengo, alcoólatra e brilhantemente desencantado. Faúndez torna-se seu mentor à revelia, ensinando-lhe o ofício de transformar a dor alheia em notícia, de maquiar a tragédia e de vender manchetes.

O que se segue é uma jornada de iniciação brutal. O Alfonso ingênuo será confrontado com policiais corruptos, cadáveres, mães desesperadas, um fotógrafo quase mudo (Fele Martínez), um motorista filósofo (Carlos Gassols) e uma podóloga enigmática (Tatiana Astengo). Tudo enquanto tenta não perder sua alma na empreitada.



*Foto: Imagem do filme.*

## O retrato mais honesto do jornalismo sensacionalista.

"Tinta Roja" não moraliza. Não te diz "o jornalismo escandaloso é ruim". Mostra-te como ele funciona. A ética torna-se difusa quando há uma notícia bomba, e a linha entre informar e explorar se escreve a tinta vermelha. Dói porque é verdade.

Muitos acreditam que "Tinta Roja" é apenas mais um drama policial.

Não. É a história de como o sistema te devora,
mesmo quando você acredita que está escrevendo sobre ele.

## O retrato mais honesto do jornalismo sensacionalista

"Tinta Roja" não moraliza. Não te diz "o jornalismo escandaloso é ruim". Mostra-te como ele funciona. A ética torna-se difusa quando há uma notícia bomba, e a linha entre informar e explorar se escreve a tinta vermelha. Dói porque é verdade.

**Muitos acreditam que "Tinta Roja" é apenas mais um drama policial.**
**Não. É a história de como o sistema te devora,**
**mesmo quando você acredita que está escrevendo sobre ele.**

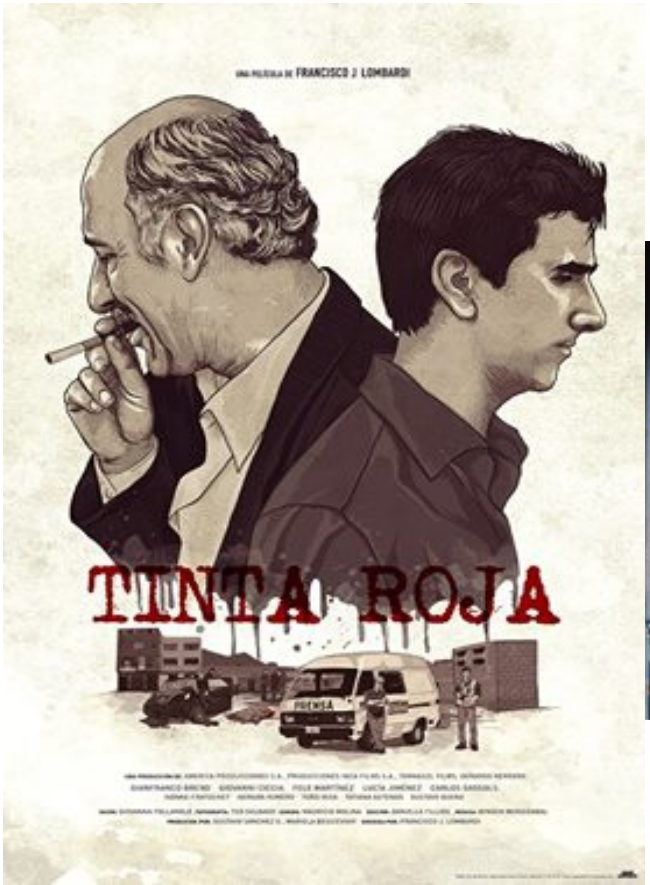
## Um elenco coral que brilha.

Cada papel secundário tem seu momento. Do fotógrafo que fala com o olhar ao motorista com frases para gravar no bronze. O filme respira vida em cada canto da redação.

## É dessas histórias que te mudam.

"Tinta Roja" fala da passagem da inocência à experiência, do preço da ambição e de como, às vezes, para realizar seu sonho, você precisa sujar as mãos. Não espere um final feliz. Espere um final real.

*Foto: À esquerda: Outro cartaz do filme*
*À direita: Imagem do filme.*






## Contras?

Se devo fazer uma ressalva: o terceiro ato é o mais discutido. A trama se concentra um pouco mais no conflito amoroso de Alfonso e a resolução pode parecer um tanto apressada comparada à intensidade do resto. Mas é uma mancha menor num filme que, durante uma hora e meia, não te solta.

## Dado-chave para compartilhar

Muitos acreditam que "Tinta Roja" é apenas mais um drama policial. Não. É a história de como o sistema te devora, mesmo quando você acredita que está escrevendo sobre ele.

E o melhor: está completo e gratuito no YouTube. Basta procurar "Tinta Roja película completa" ou diretamente no canal oficial (costuma estar na conta de Francisco Lombardi ou em arquivos de cinema peruano).

Se você gosta de jornalismo verdadeiro, de grandes atuações ou de cinema que não te trata como idiota, faça um favor a si mesmo: procure "Tinta Roja (2000)" no YouTube, sente-se e prepare-se para não esquecê-lo.

No final, você compreenderá uma frase que Faúndez diz e que resume tudo:
"Não é jornalismo, garoto. É outra coisa."

Você já a viu ou vai vê-la? Deixe-me saber nos comentários do vídeo ou compartilhe este artigo. Ajudemos essa joia peruana a alcançar mais pessoas.

..... *Publicidad* ..... *Werbung* ..... *advertising* ..... *publicité* ..... *publicidade* .....

***Libros de Vicente de la Serna con Südaka Editorial***

